

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.180113>

Recebido em 25/05/2023 | Aprovado em 26/06/2023

Dossiê: Arte, Corpo e Discurso: o Político e o Poético no Movimento dos Sentidos  
Dossier: Art, Body, and Discourse: The Political and the Poetic in the Movement of the Senses

Nadia Neckel, Luciana Vinhas, Luciene Jung de Campos, Suzy Lagazzi (Organizadoras)

## **SLAM DE POESIA EM LIBRAS: DOS EFEITOS DE SENTIDOS PRODUZIDOS PELO CORPO POÉTICO SURDO POETRY SLAM IN LIBRAS: THE EFFECTS OF SENSES PRODUCED BY THE DEAF POETICAL BODY**

**Heron Ferreira da Silva\***

**Maraisa Lopes\*\***

**Resumo:** *Esse estudo se justifica pela necessidade e importância de pesquisar a produção poética surda materializada pelo corpo, a qual coloca em funcionamento memórias, posições e práticas ideológicas em um espaço de produção literária. Nesse trabalho, enveredamos pelo viés discursivo-materialista de Michel Pêcheux (1975, 1995, 1999) e de Orlandi (2003, 2017), e remontamos a Hashiguti (2008) e Neckel (2019) para tratarmos da questão do corpo (poético). Nosso material de análise se constitui por uma produção em vídeo, de uma apresentação poética em Libras pelo corpo surdo, em um espaço de competição da modalidade Slam. A partir de nossas análises, observamos que o sujeito surdo coloca em jogo um corpo poético atravessado por discursos constituídos por memórias que lhe interdita a possibilidade de ocupação de determinados espaços sociais, além disso, assume o domínio da resistência como ponto para a significação da surdez, de sua língua e de sua própria existência social.*

**Palavras-chave:** *Análise de Discurso. Corpo Poético. Slam do corpo. Sujeito Surdo.*

**Abstract:** *This study justifies itself by the necessity and importance of researching the deaf poetical production materialized by the body, which puts into operation memories, positions, and ideological practices in a literary production space. In this paper, we embark on the discursive-materialist bias of Michel Pêcheux (1975, 1995, 1999) and Orlandi (2003, 2017), and we head into Hashiguti (2008) and Neckel (2019) to talk about the (poetical) body issue. Our analysis material consists in a video production from a poetical performance in Libras through the deaf body, in a Slam competition space. From our analyses, we observed that the deaf person highlights a poetical body crossed by discourses that are constituted of memories which interdict the possibility of occupying certain social spaces, furthermore, takes on the resistance domain as a subject for the meaning of deafness, its language, and its own social existence.*

**Keywords:** *Discourse Analysis. Poetical Body. Body Slam. Deaf Person.*

\* Doutorando Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: [heron@ufpi.edu.br](mailto:heron@ufpi.edu.br).

\*\* Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Líder do Núcleo de estudos e pesquisas em Análise do discurso (NEPAD) e do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso Materialista e História das Ideias Linguísticas (EntreRios). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da UFPI. E-mail: [maraisa\\_lopes@uol.com.br](mailto:maraisa_lopes@uol.com.br).

## QUESTÕES INICIAIS

Tomando como materialidade a ser analisada produções próprias ao *Slam*<sup>1</sup> do Corpo, esse estudo se inscreve na linha discursiva materialista de Pêcheux e de Orlandi. A materialidade discursiva com a qual trabalhamos não se define nela mesma, mas pelas possibilidades e significações que coloca em funcionamento a partir de diferentes condições de produção<sup>2</sup>. Sobre o corpo, Hashiguti (2008, p. 71) explica que “não se é sujeito sem ser um corpo que se localiza num espaço e numa história de identificações, estabilizações e deslizes de sentido”. O corpo é uma materialidade histórica carregada de sentidos; o corpo tem sua singularidade atravessada e significada por acontecimentos discursivos.

Promover um gesto de análise discursiva sobre o *Slam* do Corpo nos parece fundamental para a compreensão da produção de sentidos, do traço ideológico posto em funcionamento nessa materialidade, assim como nos permite ver o corpo surdo nesse movimento de sentidos na/pela história; nos permite olhar discursivamente para o corpo surdo em funcionamento, por meio de sua língua, em um espaço de prática artística diversa. Trabalhos dessa natureza nos possibilitam novas maneiras de ler o corpo poético produzindo literatura, uma literatura marginalizada e (in)visibilizada historicamente.

Cumpre-nos destacar que o que nos instiga a selecionar esse objeto de estudo é o fato de que o *Slam* do Corpo tenha sido o primeiro no país a aproximar poetas surdos e ouvintes e poemas em língua de sinais e em língua portuguesa em um mesmo espaço periférico literário. Esse acontecimento repercutiu no ano de 2014 em toda a comunidade surda no Brasil, pois poetas do coletivo *Slam* do Corpo começaram a participar das competições nacionais com outros participantes ouvintes.

Isto posto, neste trabalho, nos colocamos em posição de analisar, a partir de nossa inscrição teórico-metodológica, os efeitos de sentido produzidos pela materialidade poética em Libras, mais especificamente, por um poema autoral discursivizado em uma batalha nacional de *Slam*. Nesse sentido, algumas questões se nos colocam: Como em um espaço que prioriza em sua tradição, participantes ouvintes, aquele corpo surdo significa e é significado em meio a um lugar complexo de competição e criação literária? Como os efeitos de sentido são postos em funcionamento a partir dessa materialidade discursiva? Como o corpo surdo e a língua de sinais jogam na produção de sentidos no âmbito do *Slam* retomando memórias e atualizando dizeres sobre o surdo e a surdez? Assim, lançamo-nos ao nosso gesto de leitura, colocando-nos num vai-e-vem constante entre arquivo/teoria/análise.

<sup>1</sup> De acordo com Barbosa (2019, p. 01), “O Slam pode ser compreendido como um fenômeno social, cultural e artístico que reúne juventude, poesia autoral e performance em competições ou “batalhas” poéticas que têm se propagado pelo Brasil nos últimos onze anos. As rodas de poesia são frequentadas por um público jovem e protagonizadas por slammers (como são denominados os poetas do Slam) que ocupam ruas, praças e pontos de cultura para apresentar poesias que versam sobre temas de seu cotidiano e da atualidade”

<sup>2</sup> Compreendemos condições de produção como aquela que inclui “os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato [...] Faz ainda parte das condições de produção a memória discursiva, o interdiscurso” (Orlandi, 2017b, p.15)

## DA ANÁLISE DE DISCURSO MATERIALISTA (ADM) E SEUS ENTREMEIOS

Esse trabalho se inscreve em um domínio teórico-analítico que se propõe a realizar novas práticas de leitura, “acolhe o jogo entre o estabilizado e o sujeito a equívoco, espaço de deslimites e indistinções” (Orlandi, 2005, p.60). A Análise de Discurso visa romper com os efeitos de evidência e lidar com a opacidade do texto, o qual é tomado como “unidade de análise” (Orlandi, 2005, p.64), um objeto linguístico-histórico. O texto, quando (de)superficializado, se abre enquanto objeto simbólico para as diversas e possíveis interpretações, se abre para ser compreendido em seu funcionamento. Uma abertura para o simbólico; uma “multiplicidade de leituras, vista a partir dessa relação ‘imperfeita’ [...] deixa de ser algo psicológico, da vontade do sujeito, e passa a ter uma materialidade” (Orlandi, 2012, p. 64).

Há, no texto, um efeito imaginário de unidade, ao que Orlandi (2005) chama de textualidade, a qual não dá conta das inúmeras possibilidades de leituras. Pensar o texto se abrindo para o movimento de interpretação nos coloca frente à noção de discursividade, que nos permite compreender como o sujeito se coloca no texto, como sua posição é significada, como, a partir de determinadas condições de produção, se dá a relação do mundo com o simbólico, materializando sentidos. Um espaço de (também de) contradição, deslocando sentidos na/pela discursividade.

Compreendendo o texto, pela perspectiva do discursiva, notamos que ele tem relação com outros textos, com suas condições de produção, com sua exterioridade constitutiva. Vemos nele sua historicidade, seu acontecimento enquanto discurso, seu funcionamento, como os sentidos se produzem/são produzidos nele (Orlandi, 2017). Com isso, a memória discursiva tem um papel fundamental na compreensão do discurso, segundo Pêcheux (1999), deve ser tomada a partir de um novo olhar, o de entendê-la sob um viés sócio-histórico dos acontecimentos, pois, para ele, a discussão sobre o conceito de memória discursiva não está no domínio psicologista de “memória individual”, mas no sentido da “memória social”. Diante disso, essa memória social atua no interior de uma formação ideológica e discursiva dada, se relacionando com o interdiscurso nesse processo de produção de sentidos. Esse movimento nos faz retomar o conceito de esquecimento, que, de acordo com Pêcheux (1995), permite a reprodução do discurso, pois ao nascermos já entramos nesse processo, uma vez que os discursos já existem antes de nós.

Nessa dimensão, em uma situação de produção discursiva dada, em uma conjuntura específica dada, o interdiscurso pode disponibilizar dizeres sobre, e dizeres de, que afetam a constituição dos sujeitos em um lugar de produção da língua. Essa língua é, sobretudo, “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...] de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos” (Pêcheux, 1999, p. 50). Sua função, por sua vez, é dar suporte para atualizar os sentidos repetindo enunciados, recolocando sentidos já existentes. Desse modo, os dizeres não são propriedades particulares dos sujeitos, as palavras não são apenas nossas, todas elas já foram ditas e proferidas em algum tempo e lugar, significando pelo atravessamento histórico e ideológico. O interdiscurso, pela perspectiva de Indursky (2011, p. 86), “diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas

pelos aparelhos ideológicos”. Os autores refletem a importância de o analista tentar compreender discursivamente a memória da produção de sentidos, olhar para as diferentes materialidades e questionar que efeitos, mesmo que distantes, estão presentes e representados na língua.

Sentidos estes que um analista poderá compreender a partir da construção de um dispositivo teórico-analítico. Nesse prisma, entende-se que “ler em AD é saber que o sentido pode ser outro” (Orlandi, 1988, p. 122). Nossas palavras falam por meio de outras palavras. Assim, o discurso é resultado de condições determinadas inscritas no espaço do dizer. Na linguagem, não há “essa relação linear entre enunciador e destinatário. Ambos estão sempre já tocados pelo simbólico” (Orlandi, 2017b, p. 17). Na produção do discurso, há efeitos que se dão pelo modo como os sujeitos são afetados pela memória do dizer na historicidade. As noções de sujeito e ideologia são sempre pontos centrais nas discussões do campo discursivo, uma vez que o corpo que ocupa diversos lugares sociais sempre traz a memória discursiva imbricada em si, é pela não transparência dos sentidos que esse corpo é interpelado em sujeito da/pela língua. Nesse jogo simbólico, “é a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo, que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo” (Orlandi, 2003, p. 95-96).

Conforme Orlandi (2017), o corpo da linguagem já vem significado ideologicamente, todo sujeito que ocupa um lugar social já vem investido de sentidos. Isso quer dizer, entre outras coisas, que o sujeito é social e ideológico, é pelo discurso histórico que ele produz sentidos, tendo sempre brechas, falhas, incompletudes, o possível. Desse modo, a ideologia é parte da constituição do sujeito, ela dá condição para a produção do discurso, em outras palavras, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (Orlandi, 2003, p. 17). Logo, o sujeito, pela falha da língua, é interpelado pela ideologia, essa ideologia se forma por um conjunto complexo de representações que determinam o modo que o sujeito discursiviza. Essa formação ideológica interpela o sujeito enquanto sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja “conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra” (Pêcheux; Fuchs, 2014, p. 162). É nesse meandro teórico que nos sustentamos, portanto, para empreender nosso gesto analítico.

## DELIMITANDO NOSSO MATERIAL DE ANÁLISE

Feitas algumas considerações teóricas sobre a Análise de Discurso, nos debruçamos, nesse momento, sobre nosso material de análise. Remontando ao dispositivo teórico e ao nosso objetivo, selecionamos como material de análise uma produção audiovisual gravada durante uma batalha de *Slam* do Corpo, um movimento surdo e periférico de São Paulo, que produz poesias e competições em Libras, desde 2008, nos espaços desprivilegiados da capital.

O vídeo que selecionamos para a análise foi o que contém o poema de Catharine Moreira<sup>3</sup> (surda) e Cauê Gouveia (intérprete). Intitulado *Pequeno Mural da Cultura Surda*, o vídeo possui 3min26seg e não apresenta legenda, há apenas a performance em Libras e a voz do intérprete. O poema foi declamado no SLAM-BR 2015 (batalha nacional de poesias), o qual fora organizado pelo Itaú Cultural, São Paulo/SP. O poema e sua declamação foram classificados na 3ª posição geral – o que coloca tal material em um lugar de grande destaque no cenário literário surdo.

Sobre essa classificação, é importante apontar que o movimento de poesia *Slam* do Corpo é uma espécie de competição poética, vence a batalha quem elaborar a letra com maior aceitação e melhor performance rítmica. Com a utilização de letras autorais sinalizadas em Libras e simultaneamente traduzidas em português falado, as poesias são avaliadas através de notas (entre 0 e 10) por uma banca de jurados. Em média, as poesias são discursivizadas em até 3 minutos. O vídeo que utilizamos como arquivo discursivo está disponível no site <https://vimeo.com/user65325571>. É nesse endereço em que os vídeos das batalhas são disponibilizados em uma estrutura mais completa. Vale lembrar que a página da web na qual estão depositados os vídeos em Libras é aberta. Nesse repositório do *Slam* do Corpo, há produções do período de 2014 a 2019, totalizando 34 vídeos de diversos poetas e temáticas.



Figura 1: recorte visual do site no qual estão depositados os vídeos de *Slam*.

Fonte: <https://vimeo.com/user65325571>.

## DOS EFEITOS DE SENTIDO PRODUZIDOS PELO/SOBRE O CORPO POÉTICO SURDO

Buscando compreender a prática da linguagem como algo opaco, com uma materialidade simbólica, própria e significativa, a Análise de Discurso se questiona sobre como determinada materialidade significativa significa e é significada a partir de determinadas condições? De que forma o histórico e o exterior àquela produção

<sup>3</sup> “Atriz, poeta e dançarina, Catharine Moreira começou seus estudos bem cedo, sempre tendo a arte em sua vida. Sua trajetória foi da dança para a poesia com intensa participação no SLAM do corpo. Da poesia para ações performáticas. Também atua como contadora de histórias em libras e oficina de brincante no gRÚPO êBA! A experiência no teatro sempre foi significativa e ganhou força como profissão atualmente com a experiência na peça \Todas/ da Mostra de Teatro de Curitiba. Expositora WIS, OiOL, GDAF e Mc Slam na França”. Fonte: <https://creativemornings.com/talks/catharina-moreira-fabio-de-sa-paulo-vieira-silence/3>.

significam em seus dizeres? Movimentando-nos em direção ao nosso material de análise, nos questionamos sobre como podemos olhar discursivamente para as possibilidades de sentidos constituídas pelo/no corpo poético de Catharine Moreira (poeta surda) e de que maneira o corpo surdo é significado em um espaço de poesia marginal ocupado historicamente por sujeitos ouvintes?

O material para o qual direcionamos nosso olhar traz a movimentação do corpo como movimento constitutivo de sentidos possíveis e passíveis de serem analisados. O material audiovisual, em formato de *Slam* de poesia, faz parte de um conjunto de produções pertencentes à década passada. Essas produções tiveram como objetivo registrar a participação dos sujeitos surdos em competições de poesia de rua, em ambientes periféricos de São Paulo (Capital).

No geral, os conteúdos trabalhados pelos sujeitos poetas em suas produções audiovisuais versam sobre a surdez em uma perspectiva sócio-histórico-cultural, que concebe a língua de sinais como uma forma de expressão legítima da comunidade surda (Skliar, 2005), além de abordar a cultura e a identidade negra surda, na esteira de uma discussão sobre arte e resistência como mecanismo de luta e ocupação. Passando à materialidade do poema, devemos observar primeiramente que o corpo poético surdo que produz literatura sempre tem algo a dizer, há sempre algo que vem de outro lugar, significando em seu dizer literário. Se há uma linguagem que enuncia, há também sentidos possíveis.

As poesias discursivizadas pelos corpos surdos são produções da ordem do manifesto, da resistência surda, que ecoam através dos versos expressados pela corporalidade surda e pela materialidade significativa poesia. Como afirma Neckel (2019), a arte é uma produção simbólica que produz e reproduz imaginários, esses sentidos são textualizados nos corpos. O corpo surdo em nosso gesto analítico, se constitui, sobretudo, pelos dizeres e vivências de muitos outros corpos. O corpo surdo que coloca em funcionamento seus movimentos em Libras é interpelado por outros corpos surdos, outros corpos que em sua história sofreram pelo silenciamento e marginalização, cujos discursos são retomados, por meio do interdiscurso, nesse processo de materialização de sentidos.

Nosso recorte retoma um conjunto de imaginários sobre o sujeito surdo, um sujeito que ao longo da história não é visto como possível para estar no lugar de arte. Ao apresentar a poesia em Libras, utilizando-se do corpo surdo, o sujeito ocupa a posição de poeta, criador de arte e militante, constrói sua imagem a partir de um sujeito que resiste, que existe para (n)aquele lugar. Podemos perceber que o corpo (vide Figura 2), nesse viés, textualiza discursos. São mãos, braços, faces e movimentos corpóreos que dão vida à língua de sinais e permitem que os sujeitos se inscrevam nesse jogo de movimentação simbólica e ideológica, pois, conforme teoriza Hashiguti (2008, p. 98), “A leitura do corpo como linguagem possibilita e reafirma o deslocamento do corpo biológico, natural, para o corpo simbólico, cujos sentidos se constituem na e pela história em sua origem ideológica”.



**Figura 2: Recorte da apresentação dos participantes do Slam**

Fonte: <https://vimeo.com/user65325571>

A textualização simbólica no/do corpo poético, nos permite compreender que o sujeito surdo usa do espaço do *Slam* para ocupar e rememorar, pelo discurso poético, discursos que marginaliza(va)m os surdos e os apaga(va)m desse lugar possível de produzir literatura. Em nome da normalização, esses sujeitos eram (e ainda são!) colocados apenas no lugar de um sujeito incompleto, em que há a falta, e daqueles que necessita(ria)m de tratamento para buscar a cura e poder falar como as pessoas que ouvem.

O *Slam* vem, sobretudo, como possibilidade desse sujeito ser outro, diferente daquele que o imaginário social sobre a pessoa com deficiência produz para nossa sociedade, esse corpo se desloca de uma posição de não-pertencimento para uma posição que lhe permite produzir arte a partir do movimento que sua língua lhe possibilita, ao sujeitar-se à língua de sinais, torna-se sujeito dela. Nesse olhar, o corpo toma forma e é constituído na/pela linguagem, para (se) significar no jogo simbólico da ideologia. Esse corpo, que é surdo e poeta, utiliza da materialidade discursiva da Libras para produzir sentidos, a partir de diferentes condições de produção, o sujeito do discurso (re)significa seu corpo e produz diferentes efeitos em nossa sociedade. Esse corpo é um espaço de contradição, de memória, de luta, de resistência.

Pensando mais especificamente sobre o poema declamado, apresentamos a tradução na Figura 3, maia adiante. Neste poema, notamos como o corpo é constituído/dito pela linguagem poética, como um lugar de produção artística que resiste e existe apesar de problemas historicamente marcados: a denominação errônea do surdo como surdo-mudo (*a palavra é Surdo, não surdo-mudo*), a opressão que o corpo surdo vive em meio a uma sociedade ouvintista (*Tem um padrão e você não se encaixa. Quer aprender um sinal? OPRESSÃO!*), a dificuldade de comunicação (*E as pessoas ao seu redor não sabem a sua língua. Você aprende a prestar atenção na sua conversa. Quer aprender um sinal? COMUNICAÇÃO!*) e a falta de empatia dos ouvintes para com os surdos (*Se você se sente diferente, assustado, incomodado com o outro. Quer aprender? Empatia*). Segundo Hashiguti (2008, p.71), “não se é sujeito sem ser um corpo que se localiza num espaço e numa história de identificações, estabilizações e deslizes de sentido”. Assim, como exposto por Courtine (2008), os corpos passaram de um lugar desconhecido, desabitado, para o lugar do conhecido, ocupado, visibilizado; um espaço de desejos e procura das necessidades humanas por significação.

*Pequeno Manual da Cultura Surda*

*Um, a palavra é Surdo, não surdo-mudo.*

*Mudo é um pessoa que não tem voz. Surdo tem voz.*

*Se você duvida, deixa ela gritar no seu ouvido.*

*Dois, Libras é uma língua completa com gramática e tudo.*

*Não é mímica igual, igual aquele jogo de animação.*

*Não, também não é gesto, tipo, banheiro é para lá [...]*

*Três, cada surdo é único, e tem muitos tipos de surdez [...]*

*Todos os procedimentos para normalizar as pessoas, envolvem dor, custo e risco [...]*

*Tem um padrão e você não se encaixa.*

*Quer aprender um sinal? OPRESSÃO!*

*O surdo não tem audição, mas tem escuta [...]*

*E as pessoas ao seu redor não sabem a sua língua.*

*Você aprende a prestar atenção na sua conversa.*

*Quer aprender um sinal? COMUNICAÇÃO!*

*Cinco, o surdo pode ser esperto, lerdo, legal, chato, tímido,*

*bravo, homem, mulher, nenhuma das alternativas, todas as alternativas, igual uma pessoa sabe.*

*Se você se sente diferente, assustado, incomodado com o outro. Quer aprender? EMPATIA*

### Figura 3: Tradução do poema em análise

Fonte: traduzido pelos autores

Outro recorte que demanda análise é “*Libras é uma língua completa com gramática e tudo. Não é mímica igual, igual aquele jogo de animação. Não, também não é gesto*”. Na ADM, pensamos a língua como materialização da ideologia. É pela língua de sinais que o surdo textualiza práticas ideológicas que dizem sobre sua cultura e a sua diversidade, reconhecendo o poder de significação de sua língua e a capacidade criativa que ela possui. O poema em questão se apresenta em uma materialidade corporal gestual, uma forma carregada e atravessada por sentidos que dizem sobre e para uma língua que se produz de um modo outro que não o das línguas orais. Desse modo, como afirma Orlandi (2003), a língua em si tem autonomia, não é, e nunca será fechada, há sempre uma abertura para o simbólico, há sempre um desvio e devir que escapa do sujeito que a utiliza para reproduzir discursos. Com isso, nos interessa, em nosso gesto de análise, observar como a língua é posta em funcionamento pelo sujeito surdo, buscando romper com o imaginário que a concebe como algo de menor valor, como se não pudesse ser considerada um sistema linguístico, ao afirmar que a Libras é uma “*língua completa com gramática*”, produz um movimento que visa o efeito de compreensão de que a Libras é [como qualquer outra língua oral] completa e teria sua gramática [própria, assim como outras línguas], algo que legitimaria sua existência.

Nessa esteira, o corpo poético surdo é, significa e produz subjetivação. A proposta da ADM desloca a noção de homem/indivíduo para o sujeito do discurso afetado pelo real da língua e o real da história, não tendo controle sobre o que o afeta. Não há, dessa forma, como não ser interpelado/atravessado por tudo aquilo que já se disse sobre uma determinada questão. Há um já-lá constitutivo de todo o dizer. Orlandi (2003, p. 31)



afirma que há um “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”.

Conforme Desiderio e Correia Jardim (2021, p. 127), os poemas apresentados nas competições de *Slam* “resultam em uma literatura de resistência, que enfatiza a diferença surda em detrimento da representação proposta pelo modelo ouvinte ao longo da história”. A interdiscursividade em sua produção poética formulada pela língua e pelo corpo é constituída pela memória de uma literatura de resistência, que historicamente sofreu um processo de apagamento (re)produzido pela sociedade opressora na qual vivemos. Pensando nisso, “o real do corpo seria o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste” (Leandro-Ferreira, 2013, p. 78).

Rompendo com imaginários de normalização, a poeta, ao dizer “*o surdo pode ser esperto, lerdo, legal, chato, tímido, bravo, homem, mulher, nenhuma das alternativas, todas as alternativas, igual uma pessoa sabe*” faz ressoar dizeres contrários às práticas ideológicas capacitistas que olham para o surdo como aquele em que falta algo, aquele que é falho e deficiente, não o vendo como capaz, como possível produtor de sua literatura, ou ainda, como aquele que pode ocupar socialmente o lugar que caberia a uma pessoa sem deficiência. Diante disso, Orlandi (2003) nos diz que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer, o sujeito é aquele que ocupa um lugar, é “posição” entre outras para produzir seu dizer. Desse modo, o sujeito poeta surdo se inscreve em uma posição que, ao participar do *Slam* do Corpo, se coloca na busca pela construção de práticas discursivas favoráveis à surdez como diferença e ao olhar para o sujeito surdo como um sujeito complexo, múltiplo e diverso (Lopes, 2016).

Com isso, nosso caminho foi compreender que não há naturalização de sentidos, o que há são possibilidades de interpretações e rupturas com caminhos de investigação diversos. Vimos que o sujeito surdo pode e deve ocupar lugares na arte e literatura marginal, pois esse espaço materializa práticas simbólicas e coloca em funcionamento diversas formulações sobre ser surdo, surdo, língua de sinais, entre outros. Como diz Silva (2020), analisar produções dessa natureza possibilita-nos novas maneiras de ler, pois é um poema que, em sua constituição, na relação com o corpo poético surdo, grita por sentidos e pela compreensão dos efeitos produzidos entre interlocutores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso movimento analítico nos permitiu compreender que, em uma produção como um poema em uma batalha de *Slam*, o corpo surdo, em um espaço de produção artístico/literário historicamente constituído por/para pessoas ouvintes, projeta-se para a constituição de um lugar de (re)produção de discursos do domínio da resistência. Deve-se ressaltar que esse corpo poético vive no embate, luta para romper com as práticas que lhe negam determinados espaços historicamente, por tomá-los como possível apenas para aqueles que utilizam a língua oral-auditiva. Essa ocupação, por meio do corpo surdo, em sua posição sujeito poeta surda, no espaço de poesia de rua, dá a visibilidade, a oportunidade deste se constituir como um sujeito diverso, rompendo com as significações

que lhe são já-sempre determinadas. O espaço de construção e produção de arte e literatura historicamente negado aos sujeitos outros, passa a ser ocupado por novos sentidos, por sentidos que demandam um novo lugar de inscrição/produção na literatura, em que se possa dizer sobre a necessidade de uma língua outra, sobre a realidade de opressão vivida pelos sujeitos com deficiência em nossa sociedade e sobre a importância de que as relações entre os sujeitos se dê marcada pelas formulações próprias aos sentidos carregados pela noção de empatia.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Liége. *Movimento Slam no Brasil e no RS: origens, características e dinâmicas das batalhas poéticas de juventude*. In: Anais do VIIIº Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / Vº Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas: PPGEDU, 2019. Disponível em: <https://www.2019.sbece.com.br/site/anais2?AREA=13>. Acesso em: 10 abr. 2023.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A. COURTINE, J.-J.; VIGARELO, G. *História do Corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 253-340.

DESIDERIO, Themis Farias de França; CORREIA JARDIM, Alex Fabiano. Poesia *Slam* surda: uma literatura de resistência. *Revista Espaço*, INES - Rio de Janeiro, v. 56, jul./dez. 2021.

HASHIGUTI, S. T. *Corpo de memória*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas-SP, 2008.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F; MITTMAN, S; FERREIRA, M. C. L. *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. *REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.

LOPES, M. O sujeito surdo e a literatura surda: sentidos possíveis. In: COSTA, G. C. da; CHIARETTI, P. (orgs.). *Arte e Diversidade*. V3. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

NECKEL, N. Corpo imagem – corpo arte: materialidades discursivas. In: HASHIGUTI, S. T. (org). *O corpo e a imagem no discurso: gêneros híbridos*. Linguística in focus collection. V. 12. Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 61-72. Disponível em: [www.edufu.ufu.br](http://www.edufu.ufu.br). Acesso em: 10 abr. 2023.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. P; LAGAZZI RODRIGUES, S. (org.) *Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017b.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2017.

ORLANDI, E. P. Penso que toda história intelectual começa muito antes de começar. In: OLIVEIRA, G. A. de; NOGUEIRA, L. (org.). *Encontros na análise de discurso: efeitos de sentidos entre continentes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2019.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, E. P. *Papel da Memória*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-250.

SILVA, Heron Ferreira da; LOPES, Maraisa. *Slam de poesia em libras: dos efeitos de sentidos produzidos pelo corpo poético surdo*. *Crítica Cultural*, Palhoça, SC, v. 18, n. 1, p. 185-195, jan./jun. 2023.

SILVA, H. F. da. *Análise de Discurso e Literatura Surda: compreensões sobre a produção literária surda*. Cadernos de Linguística, v. 1, n. 2, p. 01-15. (2020). Disponível em:

<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/115> Acesso em 10 set. 2020.

SKLIAR, Carlos. *A surdez – um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2005.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.